

Rito Funerário entre os Florianopolitanos: corpos em diálogo

Fernando Gonçalves Bitencourt*

Resumo

Este trabalho discute, a partir de um relato etnográfico, as representações sobre o corpo na cultura contemporânea. Ao estudar um rito funerário em Florianópolis e a ação dialógica entre o morto e os vivos, estabelecida através da nulidade dos corpos, sugiro que há no “senso comum” a concepção de que, para além da dualidade científica e/ou religiosa, corpo e alma constituem um único ser.

Abstract

Abertura

Quando os espanhóis encontraram-se com os ameríndios, o que os livros de história teimam em chamar de descobrimento, cosmologias diferentes foram postas em contato, num processo vigoroso de estranhamento do outro. Cada qual a sua maneira tratou de descobrir quem era este “outro”, tratando-o nos termos de suas representações. Segundo Mazzoleni (1990), os espanhóis discutiam a humanidade destes “novos” seres questionando se estes tinham alma. Por outro lado, os “nativos” mergulhavam os espanhóis na água para ver do que eram feitos. Em ambos os casos, tratava-se de descobrir se o diferente era igual: em espírito ou em corpo.

Da mesma maneira, Foucault (1997) descreve como uma tecnologia de poder desenvolveu-se em torno do controle e manipulação do corpo, através do esquadrihamento do espaço-tempo, e seus efeitos sobre o espírito humano. Já Delumeau (1991) ao estudar a confissão católica dos séculos XIII a XVIII revelamos como a obrigatoriedade de, ao menos uma vez por ano, contar ao padre todos os pecados, mesmo que fossem “apenas” pensamentos, gerava um controle sobre os corpos, principalmente no que tangia a questão da sexualidade.

O corpo tem sido um dos temas mais importantes nas discussões recentes da Educação Física: a sua dominação, mecanização, manipulação e quem sabe libertação são temas recorrentes no discurso desta disciplina. Em Antropologia, o corpo também é tomado como categoria central em muitos trabalhos. Em Rodrigues (1975), com seus tabus; nas discussões sobre perspectivismo; nos ritos canibalísticos; na saúde e; na morte, além de muitos outros casos. Na Filosofia, ao que parece, o corpo só aparece como tema a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty e seu “ser-no-mundo”.

Leví-Strauss comentou em algum lugar que a terra iniciou sem o homem e deve, um dia, terminar sem ele. Posto este horizonte, a morte torna-se um problema antropológico essencial. A Filosofia discute os enigmas da vida e da morte há muito tempo. Já para a Educação Física, a morte é a negação de sua atividade. Ela não é discutida nem estudada, é tomada apenas como horizonte para justificar sua prática e existência: a atividade física para a saúde, isto é, contra a morte.¹

Os mitos, a religião e diferentes crenças resolveram o problema atribuindo à alma uma eternidade da qual o corpo não compartilha. O próprio *logos* cartesiano imputou ao corpo a finitude que o espírito não

* Mestre em Educação e Cultura pela UDESC e Professor da ETFSC – Unidade de Ensino Descentralizada de São José.

¹ Meu pressuposto está baseado na percepção de que as atividades físicas para a saúde, que consistem numa parte importante da Educação Física, em grande parte, são realizadas com diversos tipos de sofrimento – dor física, cansaço, pressão psicológica, mecanização do corpo e do gesto, etc. – o que pode invocar a idéia paradoxal de que o horizonte é a luta contra a morte e não pela vida.

deveria partilhar. Em síntese, dissociou-se corpo e alma como solução para o problema do fim, que é, no mais, um problema da consciência: Blanchot (Morin, 1997) diz que “a morte não é a morte”, na medida em que a morte só é a morte para os outros e que só se conhece a morte mediante a morte dos outros.

Este trabalho não pretende, entretanto, discutir a morte do ponto de vista filosófico. Tão pouco tenta negá-la enquanto fato. Pretende, tão somente, a partir da etnografia de um rito funerário² discutir as representações sobre o corpo na cultura contemporânea em Florianópolis. A vida, que tem no corpo sua condição de possibilidade, encontra na morte um problema: o da continuidade da existência individual. Sendo assim, minha hipótese é a de que uma relação dialógica se estabelece entre os vivos e o mortos durante os ritos funerários, numa trama cujo significado é a preservação da vida da pessoa morta através da anulação dos corpos vivos. Ademais, parece haver, no substrato cultural da vida cotidiana – o que podemos chamar de ‘senso comum’ – a despeito da materialidade cartesiana, ou do “espiritualismo” religioso, a noção de que corpo e alma habitam o mesmo espaço e são indissociáveis.

No corpo e na morte, assinala Rodrigues (1975), uma série de oposições aparece como categorias para o entendimento: morte e vida, natureza e cultura, sagrado e profano, natural e sobrenatural, desvio e norma, etc.. Tomando a morte como ponto de referência para estudar o corpo, pretendo realizar, feitas estas considerações, como propõe Geertz (1989), uma etnografia do pensamento. Parto do pressuposto de que o ser humano vive numa trama de significados que ele mesmo teceu, cabendo ao etnógrafo interpretar esta trama. Através da observação participante, tento realizar uma “descrição densa” de um rito funerário, interpretando os significados do corpo morto através da ação e da fala dos sujeitos envolvidos na trama. Tomo como referência a observação de apenas um caso específico, mas, como “nativo”, uso a memória de outros enterros para reforçar argumentos. Por fim, não foram realizadas entrevistas, sendo este texto, o resultado das observações e da participação dialógica deste investigador no campo.

Representações sobre o Espaço

Gostaria, inicialmente, de descrever o espaço da observação. Lembrando Bourdieu (1996 e 1997) o espaço geográfico é prenhe de significações, sendo referência para espaços sociais. É na mesma linha de pensamento que Sennet (1997) conta a história de como as representações, os usos e os conhecimentos sobre o corpo eram utilizadas na configuração de espaços físicos e objetos. Grandes avenidas foram abertas com a descoberta da circulação sanguínea, vastas praças arborizadas estavam relacionadas aos pulmões e a hipótese de que as doenças podiam ser transmitidas pelo ar levou os hospitais para o alto dos morros, onde a circulação do ar seria facilitada evitando o contágio. Do mesmo modo, organizações circulares e/ou binárias de clãs e aldeias, para além de razões práticas, podem ser vistas como manifestações da visão de mundo de sociedades “primitivas”.

Assim, o espaço geográfico no qual se encerra parte significativa do ritual funerário (velório e enterro), merece atenção. O cemitério está localizado em um bairro relativamente próximo ao centro da cidade chamado Itacorubi, em área amplamente habitada. Ocupa uma grande área de terreno na bifurcação da avenida que leva a algumas das praias de Florianópolis – à esquerda, praias do norte, à direita, do leste. Um pouco elevado em relação a rua, o cemitério está organizado num certo número de “quadras” onde os túmulos estão dispostos em fileiras paralelas, assemelhando-se à morada dos vivos. Junto à entrada principal

² Em linguagem corrente chamamos de enterro o rito funerário que compreende o velório e o sepultamento.

fica a administração. Podemos observar desde túmulos muito simples, quase sem ornamentação ou cobertura precária, até mausoléus mais bem acabados, ornados com estátuas e mármore de boa qualidade. Em linhas gerais, o cemitério do Itacorubi não difere de outros em sua estrutura e organização.

Justamente em frente ao cemitério estão localizadas as capelas, funerárias e floriculturas. Numa construção linear em dois blocos, encontramos oito capelas, quatro funerárias e duas floriculturas, estando metade em cada bloco. As capelas estão dispostas aos pares nas extremidades de cada bloco, as funerárias entre as capelas e dividindo todo o conjunto a floricultura.

O que se denomina de capela é uma sala de aproximadamente 30 m², com duas entradas, um crucifixo³ ao centro da parede do fundo, duas linhas de acentos nas laterais, um banheiro e uma mesinha para café. Ao fundo e ao centro da parede onde está o crucifixo fica o suporte para os caixões, ladeado por dois grandes castiçais e algumas flores. Em frente às salas há um grande corredor coberto, com aberturas em arco, que atravessa todo o prédio. Há pequenos bancos de madeira em frente às capelas. Deste modo, saindo das salas, temos o corredor e em seguida o estacionamento. Atravessando a antiga rua principal do bairro estamos no cemitério.

Algo que marca significativamente todo o conjunto - cemitério, funerárias e salas para velório - é este estar ao lado do “aterro sanitário” (lixão) e relativamente próximo à penitenciária de Florianópolis. Tal proximidade merece algumas considerações, haja vista que, conforme veremos a seguir, mortos, lixo e presos parecem partilhar de um mesmo universo significativo.

Segundo Foucault (1987), em período que coincide (não por acaso) com o Iluminismo, teve início um amplo processo de esquadramento das relações sociais – fortemente influenciado pelas representações advindas do discurso científico – , com rigoroso controle do tempo e do espaço e domínio e manipulação dos corpos. Registrando, classificando e hierarquizando, os espaços foram sendo marcados, o tempo fragmentado e controlado e, os corpos, separados, excluídos, domesticados e disciplinados. Os conhecimentos médicos excluía os doentes, as fontes de doença e a morte e, a justiça, os criminosos. O exército, a escola, a industrialização e a urbanização modelavam novos corpos e novas representações sobre o mesmo.

Antes, porém, no período que se convencionava chamar de Idade Média, havia, conforme Rodrigues (1999), uma cosmologia em cujo universo os espaços não estavam tão demarcados. Vivos e mortos, limpos e sujos, doentes e loucos, o sagrado e o profano repousavam sobre o cotidiano do medieval. Convivia-se com as excreções e secreções corporais, com o lixo e os entulhos e com os doentes. Muito mais vivamente do que possamos imaginar ou nossas sensibilidades hodiernas suportar, os mortos faziam parte da vida. Como as mortes eram muito frequentes, não havia o terror que ela nos impinge atualmente. A morte era um ato público, onde o moribundo despedia-se de seus entes queridos e a aguardava serenamente (estranha era a morte inesperada, sem preparo). Por fim, os cadáveres eram enterrados em valas comuns próximos às igrejas, que era um dos centros da vida coletiva. Apenas alguns privilegiados eram sepultados dentro da igreja ou em túmulos individuais.

Feitas estas considerações é necessário constatar que, pelo fato de o cemitério ser muito antigo e Florianópolis ter tido um desenvolvimento importante apenas nos últimos quarenta anos, todo o conjunto

³ Não tive o cuidado de perceber se a figura de Cristo fazia parte da ornamentação da capela, tanto no crucifixo quanto em outro detalhe qualquer. Entretanto, pela tradição católica da região, é provável que sua imagem figure em algum lugar.

(talvez com exceção do prédio das capelas que é muito mais recente) a saber, cemitério, lixão, penitenciária, faz parte das representações sustentadas na necessidade de se afastar do convívio das pessoas a morte, a doença, os loucos e os criminosos. Neste ponto Florianópolis construiu corretamente sua higienização. Hoje, porém, com o crescimento da cidade, a ampliação das vias e a velocidade de deslocamento, todo o conjunto voltou para o interior de onde, um dia, foi expurgado.⁴

Apreciado o espaço geográfico e suas representações correlatas onde se desenrola a trama a que me propus investigar, passo agora a descrevê-la. Percorro, deste modo, a trajetória do corpo morto, desde a notícia da morte ao sepultamento, perspectivando salvar o “dito” no discurso social, como propõe Geertz (1989), através deste texto.

Morte: Corpos em Diálogo

A notícia de uma morte é sempre dada com voz contida e pesarosa. O tom grave acompanha a fala lenta. Com desconforto ouve-se o anúncio e raramente sabe-se o que dizer. A tristeza media as relações, sejam elas travadas, face-a-face ou por telefone. O que nos importa, entretanto, é o corpo – do velório ao enterro.

O sepultamento a que me refiro – como observação principal – foi de um senhor de 75 anos, pai da esposa do meu tio (irmão de minha mãe), que morreu depois de alguns meses doente. Sua morte já era esperada, entretanto, como na grande maioria das ocasiões, foi carregada de comoções. Quando cheguei ao velório, pela manhã, na Capela B do complexo anteriormente descrito, os familiares já haviam se revezado durante a noite e mostravam-se bastante abatidos. O movimento de pessoas era pequeno. O enterro estava marcado para dezesseis horas. O motivo da espera era a chegada de parentes que residiam em cidades distantes. Um longo suplício ainda haveria de ser percorrido pelas pessoas mais próximas.

Distante o suficiente do falecido mas nem tanto de minhas primas e tios, em termos afetivos, para apenas observar e anotar e realizar meu trabalho de campo, minha posição, neste contexto, não era de puro conforto. Talvez nestes termos fique completamente exposta a tese de que não é possível ser completamente neutro e objetivo na realização de uma pesquisa etnográfica, e que, em qualquer “campo”, sempre vivemos o “*anthropological blues*”.

O Velório e o Enterro

O morto, deitado em seu caixão, é preparado com cuidado para as longas horas que o velório deve tomar. Assim, após o óbito, o corpo é embalsamado e tem seus orifícios todos lacrados. Este, no caso, foi vestido sobriamente com um terno cinza e gravata escura sobre uma camisa branca. Tinha a face ruborizada por uma maquiagem leve e tinha o caixão ornado com flores.

Esta breve descrição já nos remete a concepções gerais sobre o corpo morto. Em primeiro lugar, sua aparência deve ser a de um vivo. As vestes, o ar sereno, a evitação do aparecimento de qualquer secreção, o tom da pele – mesmo que fria – deve dar ao corpo morto a impressão visual da vida. O odor também deve ser agradável. À distância, o morto está vivo - descansando⁵.

⁴ O problema persiste: com exceção do cemitério, que parece não assustar mais, um novo presídio está sendo construído em município vizinho e o lixo, depois de armazenado, é levado para outras regiões da Grande Florianópolis.

⁵ É mister notar que todo sofrimento que acaba em morte empresta a esta o eufemismo de descanso.

Da mesma forma, o fechamento dos orifícios está relacionado ao horror moderno às secreções corporais, tanto de mortos como de vivos. Sangue, fezes e urina, catarro e pus tornaram-se repugnantes para a cultura moderna. Assim, quando a morte é violenta e o rosto está desfigurado ou o corpo começa a exalar odores ou secreções internas, o caixão deve ser imediatamente lacrado. Neste caso, o féretro permaneceu aberto até à hora do cortejo.

A conduta das pessoas no velório era muito variada. Em termos gerais os parentes mais próximos são os mais afetados, carregando os ares mais tristes que os demais. As mulheres mais que os homens. As filhas – quatro – demonstravam inequivocamente a profunda dor resultante da perda do pai. Pude observar, porém, um pequeno ritual de desespero e consolo. Elas revezavam-se em choros copiosos, de maneira que, enquanto uma chorava mais intensamente, as outras se acalmavam e/ou consolavam, num complexo “revezamento”. A mais nova era a que mais sofria, enquanto a mais velha era a mais consolada. Uma espécie de hierarquia estava estabelecida. O filho, único homem e irmão mais velho, parecia impassível. Assim, os papéis estavam muito claros: os filhos, das mulheres aos homens e dos mais novos aos mais velhos formavam uma hierarquia em que um consolava o outro, mas que, por suas condições, controlavam o sofrimento através da idade. Os outros parentes e amigos comoviam-se com a morte e com a tristeza dos mais chegados. Assim, quanto mais próximo em parentesco, maior era o sofrimento. Parece razoável inferir que não cabe aos amigos e conhecidos sofrerem mais do que os familiares. Sua tarefa é a de consolar e prestar solidariedade.

Em termos espaciais podemos destacar três esferas de ação diferentes, quais sejam: a capela, o corredor e o estacionamento. Cada espaço caracteriza uma forma dialógica distinta, onde o corpo fala por uma gradação nas atitudes conforme o distanciamento, em termos espaciais, com o morto.

Na capela quem “fala” é o morto. Fora as pequenas crises de desespero dos parentes mais próximos – geralmente mulheres – as conversas são mínimas, em tons graves e volume baixo. Os gestos são lentos, pesados e mínimos. Sentados, em pé nos cantos ou próximo ao caixão, os rostos graves, as cabeças baixas e tristes e o quase silêncio iguala o morto aos demais, conferindo-lhe vida através da negação de seus corpos. Todos têm, em comunhão com o morto, silêncio, gravidade, vestimenta austera, enfim, corpos quase nulos⁶.

Se, no interior da capela o morto é quem “fala”, o diálogo se trava numa complementaridade simbólica cujo referente é o corpo. Na negação corporal que o ambiente carrega, sustentada pela luz fraca de duas grandes velas, das flores e do crucifixo que abraça a todos, a nulidade⁷ dá “voz” ao morto. O morto ainda vive e expressa-se corporalmente, em interação com os outros corpos, que, talvez por negação da morte, dão mobilidade, cor, odor, aparência e falas vivas ao corpo que velam, igualando-se ao mesmo pela negação de suas corporalidades quase mudas.

Passando para o corredor, do lado de fora da capela, o ar grave se dissolve, a rua enche o ambiente, mas, a morte ainda domina as ações. Não se é tão grave ou contido, a circunspeção dá lugar a uma expressão menos sisuda e os assuntos podem tornar-se mais amenos. Como uma passagem, as expressões variam

⁶ Um estudo mais longo e apurado poderia, talvez, caracterizar melhor a postura, a posição dos ombros e a expressão do rosto, além de outros aspectos que ajudariam a aprofundar a análise sobre a corporeidade como ação dialógica com o morto.

⁷ Cabe esclarecer que a nulidade dos corpos vivos significa uma ação dialógica e não uma ausência ou “mudez”.

conforme a proximidade da porta da capela, do tempo de permanência em seu interior e da origem. Quem chega da rua tem outro aspecto.

Na rua – o estacionamento – as pessoas parecem respirar aliviadas. Como velórios são oportunidades para encontros, muitos se encostam aos carros e conversam com parentes e amigos há muito não vistos. Os rostos se desanuviam e é possível falar de qualquer coisa. Neste dia, um grupo de homens conversava sobre o falecido, contando seu jeito de ser, falando sobre seu caráter, seus feitos e defeitos, contando fatos engraçados por ele protagonizados. Pude notar que as mulheres parecem ser mais afetadas pela morte e, de modo geral, evitam as banalidades. Já os homens, após uma breve visita à capela, procuram a rua para conversar.

Cada espaço, por fim, vinculado a presença do falecido, participa na trama de significados que sustentam a ação dos sujeitos, sugerindo um modo próprio de agir na simbologia constituída pelo rito.

Quando o caixão foi fechado para dar início ao cortejo, a tristeza inundou o ambiente. Começaria ali o fim da ação dialógica do corpo morto?

O cortejo seguiu lento e silencioso. Os homens da família revezaram-se na alça do caixão. A impressão é que se daria, pela última vez, a mão ao morto. Nas ruelas do cemitério, entre os túmulos, as pessoas caminhavam cabisbaixas. Só o choro de algumas mulheres podia ser ouvido. O túmulo estava pronto e o caixão foi colocado ao lado da cova. A presença de um padre, o especialista em alma, parecia um conforto para as pessoas, principalmente para as mais velhas. Nas palavras proferidas em sermão e depois nas orações parecia, pela primeira vez, que todos compartilhavam a mesma agonia. Um longo silêncio encheu o ar de angústia até que os coveiros iniciaram seu trabalho.

O momento em que o “caixão é baixado”⁸ e inicia-se, por fim, o sepultamento, é, sem dúvida, o mais comovente. Uma profunda tristeza tomou conta das pessoas. Os familiares choraram. As filhas estavam quase em desespero, principalmente a mais nova. Ao fim, depois de baixado o caixão, jogadas as pás de cal e as flores e lacrada a cova, as pessoas retornaram em novo silêncio triste a seus carros. Despediram-se afáveis e melancólicas e, com ar sério, tomaram seus caminhos.

Um enterro, enquanto fenômeno, termina aqui. Entretanto, enquanto fato social marcado pela dor e pela perda, conserva-se ainda por muito tempo na vida dos familiares. Através dos dias especiais como o de finados ou do aniversário do morto, morte, corpo e sepulcro ainda dialogarão por muito tempo.

Escritos Finais: O Corpo como “Ser-no-Mundo”

O cristianismo tornou o corpo um fardo a carregar. A salvação levaria a alma para o céu. Conforme assinala Rodrigues (1999), no medievo ainda acreditava-se na ressurreição da carne. No dia em que os mortos tementes a Deus levantariam-se dos túmulos e viveriam, incorruptíveis, a vida eterna. Esta perspectiva parece não fazer mais parte das concepções cristãs. Ninguém acredita seriamente nesta possibilidade. Por que, então, uma fé que tem a alma como categoria central passa tanto tempo adorando um corpo morto, promovendo um diálogo que se estende aos dias de finados, aos aniversários e natais?

Por um lado, mesmo que aceitemos a hipótese de que nosso horror ao cadáver e suas secreções façam-nos assemelhá-lo ao vivo, isso não explicaria porquê, anos após o enterro, quando os ossos do falecido já

⁸ Expressão usada para caracterizar o momento em que os coveiros colocam o caixão na cova. Pendurado por cordas o caixão é baixado para o buraco existente no chão.

foram inclusive retirados do sepulcro para dar lugar a outro morto, as pessoas ainda retornam aos túmulos para “conversar”.

Do mesmo modo, é intrigante pensar como os momentos mais emocionantes de todo este ritual a hora em que o caixão é fechado e depois, quando é baixado e se efetiva o enterro. O que se dá, em ambos os casos, é a separação entre o morto e os vivos. Uma separação física que no plano simbólica tenta ser superada.

Minha conclusão preliminar, resultante deste pequeno trabalho etnográfico é que, para além de uma interpretação científica e religiosa da morte, há na cultura uma percepção intrínseca de que é como “ser-no-mundo” que o ser-humano se realiza, conforme assinala Merleau-Ponty (1994). Cabe lembrar que, conforme assinala Geertz (1997), “*a religião baseia seus argumentos na revelação, a ciência na metodologia*” e o senso comum, como sistema cultural, na vida como um todo. Ademais, como um sistema construído historicamente e na complexidade da vida cotidiana e não necessariamente consciente, não há, na vida ordinária, qualquer problema em contradizer-se, na medida em que as representações sociais que estamos chamando de senso comum, não se formulam a partir de uma reflexão elaborada, mas da experiência, podendo abarcar as concepções científicas e religiosas sem negar a noção, provavelmente inconsciente, de que corpo e alma formam um único ser.

Imersos em nossa trama de significados, formulamos diálogos impensados, sendo o corpo a fonte de nossas representações. Somos corpos dialógicos, com os outros corpos humanos e com o mundo.

Concluindo, o assunto carece de uma investigação mais sistemática e detalhada, abordando também outros campos da vida. Ao que parece, entretanto, mesmo morto, o corpo ainda é a sede do sujeito, é a pessoa, com todas as suas relações. Sendo assim, nossa cultura tramou um diálogo profundo, onde se sussurra através da anulação do corpo e ouve-se, do fundo do coração, a voz do morto, “vivo”.

Referências:

- BOURDIEU**, Pierre. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.
- _____. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas (SP): Papirus, 1997.
- DELUMEAU**, Jean. *A Confissão e Perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XIII a XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- FOUCAULT**, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.
- GEERTZ**, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1989.
- _____. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.
- MAZZOLENI**, G. *O Planeta Cultural*. São Paulo: UduSP, 1990.
- MERLEAU-PONTY**, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1994. (Coleção Tópicos)
- RODRIGUES**, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Acheamé, 1975.
- _____. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- MORIN**, Edgard. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- SENNETT**, Richard. *Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro (RJ): Record, 1997.